

O CONCEITO DE KAIRÓS EM ARISTÓTELES: ONTOLOGIA E ANTROPOLOGIA NA FILOSOFIA DE MOUTSOPOULOS¹

Juan Mendonça Teixeira

Resumo

O presente trabalho se propõe a analisar a noção de *Kairós* apresentada por Evangelhos Moutsopoulos, tal como nos apresenta Constança Marcondes Cesar. Para isso, terá como ponto de partida a fundamentação de uma temporalidade proposta por Aristóteles. Procura-se, aqui, elucidar a noção de *Kairós* na mesma medida em que se expande para a esfera pragmática do homem de ação. O ponto central deste trabalho efetiva-se na construção deste homem kaírico, e na análise do palco de ação que este homem assume, a chamada crise. Tem-se em mente, aqui, a fundamentação e a demonstração de uma nova maneira de se enxergar tanto o fluxo histórico quanto a humanidade.

Palavras-chave: *Kairós*. Crise. Homem Kaírico.

Abstract

The present work proposes to analyse the notion of *Kairós* presented by Evangelhos Moutsopoulos, as shown by Constança Marcondes Cesar. For that, it will have as starting point the base of a constructed timeline proposed by Aristotle. Here is looked upon to elucidate the notion of *Kairós* on the same measure that is expanded to the pragmatic sphere of the man of action. The central point of this work finds its standing on the construction of this kairic man, and on the analysis of the stage in which this man stands, the so-called crisis. It is in mind here the basing and the demonstration of a new way to look upon both time flow as well as humanity.

Keywords: *Kairós*. Crisis. Kairic Man.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Educação, Filosofia e Teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie como requisito parcial à obtenção do Título de Licenciado em Filosofia. Orientador: Prof. Dr. Jorge Luis Rodriguez Gutiérrez.

Introdução

Neste presente trabalho, propõe-se explorar e explicitar a concepção de *Kairós*, proposta por Evangelhos Moutsopoulos, tal como nos é apresentada por Constança Marcondes César. Mais especificamente, explorar-se-á a noção ontológica de *Kairós*, tendo em mente, por fim, chegar à análise da kairicidade, a saber, *Kairós* inserido na esfera e na consciência humana.

Por situar-se num mesmo universo simbólico e referencial, antes de ser explorado o ponto chave deste trabalho, o homem kaírico, será levada a efeito toda uma decomposição sobre o sentido do tempo, e do agora em especial, tal como é proposto no Livro IV da Física de Aristóteles. Sendo assim, metodologicamente, o trabalho será dividido em 4 seções para além desta introdução.

No tocante à primeira seção, como referenciado, será levado a efeito uma exploração do conceito de tempo (cronológico) em Aristóteles. Tem-se em mente a necessidade desta etapa como sendo dupla: primeiro, a noção de temporalidade proposta por Moutsopoulos está circunscrita no mesmo universo simbólico e, ainda mais, que sua interpretação surge da negação da temporalidade aristotélica; segundo que grande parte da análise a ser realizada tem sempre como ponto comparativo, buscando expor suas diferenças, a temporalidade proposta por Aristóteles. Notar-se-á um jogo constante de separação trinária entre “passado, presente e futuro” por uma binária entre “ainda-não” e “nunca-mais”.

Posteriormente, na segunda seção, antes da decomposição do *Kairós* de Moutsopoulos, será realizada uma análise da figura mitológica do mesmo. Demonstra-se de grande importância, por respeito à tradição grega e por consistência com a exposição de Constança, partir da narrativa mítica à propriamente o texto filosófico. Aqui, serão expostos elementos míticos que auxiliarão futuramente na compreensão do *Kairós* filosófico.

Na terceira seção, estabelecido este plano de fundo interpretativo, será realizada a exposição da noção ontológica de *Kairós* por Moutsopoulos, tal como nos apresenta Constança Marcondes César. Pretende-se elucidar *Kairós* ainda numa esfera separada da ação humana, apesar de inegável sua interação. Aqui, *Kairós* será retratado como símbolo da ação prática da consciência, mas ainda, de uma certa maneira, distanciado efetivamente da realização. Evidenciará *Kairós* como responsável pela alteração do fluxo histórico determinista.

Por fim, antecedendo a conclusão deste trabalho, na quarta seção, será explorado o homem kaírico que, em outras palavras, pode ser entendido como a consciência que efetiva *Kairós* na instância prática. Encontra-se aqui o ponto central deste trabalho, que fundamenta, de uma certa maneira, um “existencialismo otimista”. Ainda neste momento de análise, será explorado o palco de ação do homem kaírico que, na linha temporal histórica, denomina-se como momento de crise, relacionando, assim, a consciência e o fluir temporal.

Sendo assim, referente à justificativa deste trabalho, inegavelmente, encontra-se a necessidade do esclarecimento da apropriação de *Kairós* proposta por Moutsopoulos, tendo em mente, assim como o autor, uma nova perspectiva de se pensar a história, fugindo, como apresenta Constança, da tradicional forma linear do “vir-a-ser” histórico. Busca-se, portanto, como objetivo de conclusão, a explicitação dos conceitos propostos e a análise da fundamentação, segundo a lógica do autor, desta nova perspectiva histórica.

O tempo Cronológico segundo Aristóteles

Ao longo do Livro IV da Física, na seção C), Aristóteles se propõe a analisar, inicialmente, a natureza do tempo, lançando como introdução os problemas que se encontram no estudo da mesma. Logo de início, nos deparamos com um primeiro problema: a necessidade de se situar o tempo entre o que é, ou o que não é. De uma certa maneira, o tempo se divide, binariamente, entre o que já aconteceu e não é mais, e o que está por vir e ainda-não é. Ainda mais, estas duas “metades” são separadas pelo agora. Sua postulação vai além, afirmando que o tempo, existindo e sendo divisível, é composto de partes que não são e, ainda, como um segundo problema, que o agora não constitui uma dessas partes (ARISTÓTELES, ca. 340 a.C., p. 151).

Por análise das coisas (do que nos afeta pela sensibilidade), o autor foi capaz de constatar que, apesar destes problemas, o tempo está presente em todas elas, ou seja, tudo é passível de ser identificado, de certa forma, numa temporalidade. Entretanto, nota-se que nem todas as coisas movem-se uniformemente, tendo cada uma sua própria quantidade de mudança, mais rápido ou não. Desta constatação decorre-se que: na medida em que as coisas se movem mais ou menos rapidamente, o tempo permanece estante, porém, ambos o que é lento quanto o que é rápido são definidos pelo tempo, a saber, o lento se move pouco em muito tempo e o rápido se move muito em pouco tempo. Logo, se o tempo é invariável (não muda), pode-se afirmar,

segundo o autor, que o tempo não é um movimento. Aqui estabelece-se um ponto inicial para a definição do conceito de tempo do autor.

Apesar disso, notam-se ainda variações nas coisas, sabe-se que estas são passíveis de geração e corrupção e estão circunscritas numa temporalidade, pois é possível afirmar que possuem um antes e um depois. Essa possibilidade de separação das coisas entre antes e depois, temporalmente, parte da análise do quanto estas mesmas coisas se moveram. Propõe o autor que “lo que está en movimiento se mueve desde algo hacia algo” (ARISTÓTELES, ca. 340 a.C., p. 151)², aqui, o “desde algo” manifesta-se como o antes e o “hacia algo” como o depois. Na própria formulação do que se entende por movimento é possível extrair noções de temporalidade. Isso se dá pelo fato de que, pelo tempo não constituir um movimento, deve, conseqüentemente, fazer parte do mesmo.

Nesta lógica, o antes e o depois, no tempo, só é percebido quando se analisa o antes e o depois do movimento. A distinção que no começo havia sido apresentada enquanto problema, por tentar considerar o tempo enquanto unidade, aqui mostra-se esclarecida na medida em que o tempo é colocado, como demonstrado, enquanto “número del movimiento según el antes y después”³ (ARISTÓTELES, ca. 340 a.C., p. 152). Em outras palavras, a possibilidade de um antes e um depois, circunscrito numa temporalidade, apenas efetiva-se na medida em que a temporalidade é utilizada enquanto recurso para se medir um antes de um depois de movimento:

Percibimos el tiempo junto con el movimiento; pues, cuando estamos en la oscuridad y no experimentamos ninguna modificación corpórea, si hay algún movimiento en el alma nos parece al punto de que junto con el movimiento ha transcurrido también algún tiempo; y cuando nos parece que algún tiempo ha transcurrido, nos parece también que ha habido simultáneamente algún movimiento.⁴ (ARISTÓTELES, ca. 340 a.C., p. 151)

De fato, na passagem, nota-se um entrelaçamento indissolúvel, já apresentado, entre o tempo e o movimento, característica definitiva do mundo sub-lunar passível de geração e

² “O que está em movimento se move de algo para algo.” (ARISTÓTELES, ca. 340 a.C., p. 151)

³ “Número de movimento segundo o antes e o depois.” (ARISTÓTELES, ca. 340 a.C., p. 152)

⁴ “Percebemos o tempo junto com o movimento; pois, quando estamos na obscuridade e não experimentamos nenhuma modificação corpórea, se há algum movimento na alma nos parece ao ponto de que junto com o movimento transcorreu também algum tempo; e que quando nos parece que algum tempo transcorreu, nos parece também que tenha havido simultaneamente algum movimento.” (ARISTÓTELES, ca. 340 a.C., p. 151)

corrupção. Neste sentido, por geração e corrupção, entende-se, amplamente, o movimento que um objeto realiza em determinado tempo; a cargo de exemplo, o nascer e o morrer de uma flor configura-se como geração e corrupção em sentido brando, mas também, na análise proposta, como uma variação de movimento e tempo decorrido.

Por fim, em suma, o tempo caracteriza-se como número não numerador, mas numerado. Essa distinção mostra-se de extrema necessidade na medida em que, como já demonstrado, é o movimento que caracteriza a quantidade de tempo passada, ou seja, o tempo efetiva-se como número na medida em que se configura como resultado. Aristóteles, na Física, expõe uma primeira conceituação do número ao longo desta obra, primeiramente relacionada ao tempo, a saber, o tempo sendo o número de movimento entre o antes e o depois. Uma vez dada esta aparição, o autor inicia uma análise em minúscias do significado do conceito proposto. Buscando solucionar a problemática apresentada, cita-se:

Esto es también evidente por el hecho de que no se habla de un tiempo rápido o lento, sino de mucho o poco, o de largo o breve. Porque, en cuanto continuo, el tiempo es largo o breve, y, en cuanto número, es mucho o poco. Pero no es rápido o lento, pues no hay ningún número con el que numeramos que sea rápido o lento.⁵ (ARISTÓTELES, ca. 340 a.C., p. 156)

Nesta passagem encontra-se, novamente, reforçada a ideia do tempo enquanto número numerado. O recurso ao uso da demonstração da ausência de um número que seja rápido ou lento consolida, finalmente, a noção do tempo enquanto número numerado. Como já exposto, o tempo surge a partir da análise do antes e do depois do movimento, ou seja, seu valor quantitativo é determinado por aquilo que ocorre, não o contrário; não é o tempo, como exposto, que determina a velocidade de uma mudança, pois seu valor – e número – não é determinado de maneira autônoma.

Tendo, por hora, solucionado minimamente o problema da divisão da temporalidade, de acordo com o livro IV da Física, cabe ainda solucionar a questão do agora que, posteriormente, será retomada juntamente com o *Kairós*.

⁵ “isto é também evidente pelo fato de que não se fala de um tempo rápido ou lento, senão de muito ou pouco, de largo ou breve. Porque, enquanto contínuo, o tempo é largo ou breve e, enquanto número, é muito ou pouco. Mas não é rápido ou lento, pois não há nenhum número com o que numeramos que seja rápido ou lento.” (ARISTÓTELES, ca. 340 a.C., p. 156)

Por sua vez, o agora ainda permanece, de certa maneira, destacado da temporalidade. Valendo-se da análise levada à efeito, o agora, por “dividir” o antes e o depois, acaba por também não possuir movimento. Evidentemente, fora visto que o movimento consiste de se partir de algo para algo, o que o agora não contempla. Sua atemporalidade efetiva-se neste aspecto, apenas divide estes momentos, não os possuindo e, conseqüentemente, não mudando. Entretanto, o agora manifesta-se com uma dupla característica: por um lado, ausente de mudança, o agora, enquanto carente de movimento, é sempre o mesmo, visto que por outro, nunca é o mesmo.

No tocante à última passagem, faz-se necessária ainda sua explicação, a saber, de uma dupla distinção entre o agora. Para esta tarefa, será empregada uma citação originária da nota de rodapé número 437:

Considerado el ahora como divisor del tiempo es un instante irrepitable, fin de una parte y comienzo de otra, y como tal siempre distinto; pero, considerado en su actualidad, el ahora no es ni fin ni comienzo, excepto potencialmente, sino que es un presente persistente, siempre uno y el mismo: la actualidad del ahora no es división sino conexión del pasado y el futuro. La comparación con la línea es parcial, pues el tiempo sólo puede dividirse en el pensamiento.⁶ (ARISTÓTELES, ca. 340 a.C., p.161)

O primeiro lado, a saber, do agora enquanto sempre o mesmo, encontra-se presente numa perspectiva cronológica da temporalidade, que implica, necessariamente, em passado, presente e futuro. Como visto na citação, neste caso, o agora não se manifesta como divisão da linha temporal, mas como noção de conexão e continuidade entre o antes e o depois. Esta perspectiva encontra-se isenta de qualquer noção subjetiva, visto que, o agora, manifesta-se sem qualquer tipo de significação qualitativa, permanecendo “siempre uno y el mismo”, tornando essa ordem cronológica uma sucessão quantitativa, previsível e repetível de “agoras” subsequentes.

O segundo lado, do agora que nunca é o mesmo, encontra-se presente numa perspectiva, a ser desenvolvida posteriormente, kaírica de temporalidade. Como visto na citação, este agora

⁶ “Considerado o agora como divisor do tempo, é um instante irrepitível, fim de uma parte e começo de outra, e como tal sempre distinto; mas, considerado em sua atualidade, o agora não é nem fim nem começo, exceto potencialmente, senão que é um presente persistente, sempre uno e o mesmo: a atualidade do agora não é divisão senão conexão do passado e do futuro. A comparação com a linha é parcial, pois o tempo só pode dividir-se no pensamento.” (ARISTÓTELES, ca. 340 a.C., p. 161)

aparece como “fin de una parte y comienzo de otra” e, ainda mais, que “el tiempo sólo puede dividirse en el pensamiento”. Destes dois momentos que pôde-se extrair, de certo modo, uma noção primitiva da perspectiva kaírica da temporalidade, a ser abordada neste trabalho. Esta perspectiva, segundo Constança e Moutsopoulos, é marcada por uma subjetividade que percebe e se define pelo tempo e, conforme será demonstrado nesta primeira seção, encontra seus primórdios no início da definição do tempo postulada por Aristóteles.

Com intenção de solidificar essa afirmação, a saber, de uma noção primitiva da kairicidade, antecipa-se a noção abordada por Constança. Essa noção, a ser desenvolvida em meandros, encontra-se presente, no âmbito da temporalidade kaírica, na consideração do agora enquanto divisor definitivo do antes e do depois. De uma maneira, como visto, o tempo só pode ser dividido na consciência, sendo assim, a consideração e significação do mesmo já implica numa interferência subjetiva. A diferença encontra-se, aqui, na separação do tempo cronológico e do kaírico. O primeiro, em sua vez, resume a consciência ao mero papel contemplativo, visto que o tempo se prefigura quantitativamente, não havendo espaço para a subjetividade. O segundo, interessante a este trabalho, permite a ação e a interferência da subjetividade no fluir temporal, visto que aqui é permitida uma mudança qualitativa do tempo de acordo com uma intencionalidade. Ambas contemplação e ação temporal são efetivadas no momento "agora".

A figura de *Kairós*

Tendo concluída a primeira seção, pretende-se aqui analisar, antes da decomposição ontológica e antropológica de *Kairós*, a figura mitológica do mesmo. A abertura a este espaço surge influenciada quase que de maneira direta pela leitura de Constança, que percorre o mesmo caminho; num primeiro momento, apresenta os elementos da figura *Kairós* e, em seguida, os decompõe, relacionando a análise com este passo.

Primeiramente, será analisada uma imagem que retrata a figura de *Kairós*, para que então, concluindo esta seção, seja atribuída à exposição a perspectiva de Moutsopoulos.

A explicação terá seu início pelo uso de uma obra romana, do segundo século depois de Cristo, e terá sua explicação realizada em paralelo com os elementos do mito de *Kairós* encontrado em diversas fontes virtuais. Pertinente e importante à esta exposição, na escultura, evidenciam-se três aspectos: as asas dos pés e das costas, a balança, e o cabelo:

Figura 1 – Baixo-relevo romano (ca. 160 d.C.), baseado em uma estátua de Lísipo⁷



Fonte: © 2008 Foto: S. Sosnovskiy.

Kairós, na narrativa mítica, é retratado de maneira branda como o deus da oportunidade, filho de Zeus e Tyhké, divindade da fortuna. Sempre representado muito jovem e atlético, sempre nu e ligeiro e, ainda mais, como “desafiador” da ordem cronológica.

Na imagem, a velocidade e o porte atlético são evidenciados, obviamente, pelo próprio corpo de *Kairós*. As asas em seus pés transmitem essa noção de velocidade absurda, um movimento fugaz. Aqui, tem-se em mente a noção de *Kairós* como realmente um momento decisivo, que vem de encontro sem aviso, e que passa e nos deixa para trás rapidamente.

A balança, por sua vez, faz menção ao desequilíbrio que *Kairós* estabelece na ordem temporal. Antecipando certos elementos da *kairicidade*, na obra, é possível identificar o impacto da ação subjetiva no elemento kaírico: evidencia-se que o desequilíbrio na balança é resultado de uma ação deliberada, pois o próprio *Kairós* segura com a mão um dos lados, dando a entender aqui, primordialmente, uma noção de escolha e consequência: escolhe-se um lado e o efetiva, entretanto, o outro lado da balança pende.

Por fim, o cabelo, aqui está representada a ideia do momento exato de agir. *Kairós* está sempre nu e calvo, por exceção de seu cacho de cabelos na testa, sendo assim, a única maneira

⁷ 1 - Disponível em: <https://tadeuandrade.files.wordpress.com/2013/09/lysippos-c-jp-white.jpg>

de agarrá-lo seria, evidentemente, quando viesse de encontro à subjetividade que visa apreendê-lo, não podendo ser agarrado uma vez que passa. Aqui, novamente antecipa-se um elemento a ser desenvolvido, a *crise*, proposta por Moutsopoulos. Grosso modo, a *crise* efetiva-se como momento de ação imediata, de mudança qualitativa.

Sendo assim, a figura de *Kairós* pode ser identificada, sem embargo, como arauto de mudanças. Entretanto, essa possibilidade de mudança só pode ser efetivada, na medida em que, como exposto, haja uma subjetividade dotada de intenção, visto que é necessária a ação, além da oportunidade, de se segurar *Kairós*.

Concluindo, portanto, esta seção, ainda nos resta considerar a perspectiva apresentada por Constança. Segundo a autora, “na crise assim ocorrida, na ruptura da regularidade, *Kairós* é a ação precisa que instaura um novo patamar da existência, um novo ritmo vital” (CESAR, 2008, p. 62). Evidentemente, na perspectiva exposta, retomam-se elementos já apresentados na narrativa mítica, entretanto, *Kairós* evidencia-se agora como símbolo da consciência humana, mais especificamente, de sua ação prática.

Se num primeiro momento *Kairós* encontrava-se no âmbito dos deuses, e aparecia sequer esporadicamente, na perspectiva de Moutsopoulos, por outro lado, *Kairós* é transformado em um momento da consciência humana. Todos os aspectos apresentados sobre sua figura são preservados e ampliados, rumo à uma consciência ativa, que decide e interfere no fluir temporal. Logo, o perceber de sua vinda, o desequilibrar da balança temporal e o agarrar seu momento são transpostos de uma figura terceira, do deus, para a consciência humana, que age de acordo com seu contexto e sua intenção.

A Ontologia de *Kairós*

Antes de se iniciar a discussão proposta por essa seção, a saber, a análise da ontologia de *Kairós*, faz-se mister retomar aspectos brevemente apresentados na seção anterior. Aqui, tem-se em mente a retomada do embate incessante entre *Kairós* e Chronos, mais especificamente suas implicações na separação temporal.

Até este ponto, a divisão temporal apresentada circunscrevia-se no âmbito cronológico, sendo constituída, como visto, por uma separação entre um antes e um depois, em que o momento “agora” unia estas duas "metades". Agora, segundo nosso autor, a temporalidade

Kaírica, o *Kairós*, divide-se binariamente entre o “ainda-não” e o “tarde-demais”. Tal perspectiva encontra fundamentação, além da que será desenvolvida, ao recorrer à figura mitológica: *Kairós* deve ser segurado no momento exato de sua passagem, nem sequer antes, nem sequer depois. Na medida em que Cronos solidifica-se entre antes, durante e depois, considerando-o como a consolidada divisão trinária, *Kairós* nos presenteia com um preâmbulo de uma temporalidade intencional, provida de consciência.

Não obstante, Moutsopoulos, como apresenta Constança, implica na consideração da consciência como inserida no fluir temporal. Essa afirmação surge a partir de uma separação proposta entre a dimensão Kaírica e a estrutura do ser. Visando preservar uma linearidade neste trabalho, os elementos supracitados terão sua ordem de apresentação invertida, sendo assim, será levada a efeito primeiramente a explicação, segundo o autor, da estrutura do ser. Dando início, cita-se:

Kairós corresponde, na estrutura do ser, a um princípio de coesão, a uma atividade reguladora, voltada para um futuro antecipado, pondo em relevo o caráter dinâmico do ser (CESAR, 2008, p. 64)

Essa possibilidade de antecipação surge, segundo a lógica proposta, ao se evidenciar “a noção de *dinamei* como categoria descritiva da própria estrutura do ser”. Em outras palavras, sabe-se que o ser muda e, sendo assim, espera-se e antecipa-se essa mesma mudança. Endossa-se essa perspectiva ao recorrer à primeira seção, onde fora apresentado tanto o tempo quanto o movimento: a mudança “[...] *desde algo hacia algo* [...]” (CESAR, 2008, p. 151) não é somente considerada no âmbito cinemático *per se*, também o é considerado, como visto agora, na mudança constante do ser. Sendo assim, nessa perspectiva, essa mudança pode ser tomada levando em consideração um ser e ambas sua geração e corrupção.

Agora, no tocante à dimensão Kaírica, aqui já se evidencia a interação da consciência em *Kairós*, até quase como uma interdependência: “As dimensões kaíricas de um ser correspondem ao conjunto de suas possibilidades ou disposições que rompem com o determinismo temporal e vinculam sua atividade a uma intencionalidade livre, aberta, voltada para um objetivo preciso.” (CESAR, 2008, p. 64)

Desta passagem, de uma certa maneira, pode-se concluir uma fundamentação para a proposta inicialmente apresentada pelo autor, a saber, a de que deveríamos considerar a

consciência inserida no próprio fluir temporal. Neste momento, isso evidencia-se, novamente, ao compararmos o trecho supracitado e recorrermos, a cargo de elucidação, novamente ao mito. Por "conjunto de possibilidades [...] que rompem com o determinismo temporal" (CESAR, 2008, p. 64) entende-se, em outras palavras, todas as possibilidades de escolha que dada consciência pode tomar em sua situação, ou seja, paralelamente no mito, estas possibilidades de escolha evidenciam-se no vir de *Kairós*, e a decisão de fato pode ser compreendida como agarrá-lo ou deixá-lo ir. Conclui-se, portanto, que para que algo seja decidido, deve haver um outro algo que o decida, no caso, a consciência, e que, ainda mais, todas as decisões tomadas influenciam diretamente ambas a consciência e o fluir temporal.

Deste modo, segundo o autor, é através de *Kairós* que se realiza a experiência da temporalidade, que é “essencialmente, a experiência de prospecção ou antecipação de um futuro” e, ainda mais, “consciência do fluir temporal”. Retomando a já apresentada distinção binária entre “ainda-não” e “tarde-demais”, *Kairós* expressa-se como o momento no qual a consciência se situa entre ambos, e se apreende como existência. O “ainda-não”, futuro, apresenta-se “como o tempo privilegiado, atualizado e antecipado” visto que, pela temporalidade kaírica ser, segundo o autor, intencional, quando se busca algo, traz-se ao presente resultados futuros, de modo que, como apresenta Constança, esse futuro antecipado torna-se responsável “no processo de reestruturação da realidade [...] que permite [à consciência] melhor apreender e melhor interpretar o real”(CESAR, 2008, p. 66) , mudando-o e sendo mudado por ele, de acordo com sua intenção.

Nesse sentido, cita-se:

Kairós é a transmutação qualitativa do tempo pela apreensão a existência como capacidade de reestruturação do real pela consciência, e também compreensão do fluir temporal como *maturação* e *corrupção*. (CESAR, 2008, p. 66)

Aqui, novamente evidencia-se a separação da temporalidade kaírica da cronológica. Por um lado, cronologicamente, o tempo limita-se a passar e seguir de maneira quantitativa, pergunta-se “quanto tempo?”, e responde-se dada quantidade. Na temporalidade cronológica não há espaço para significação e valoração do observado, a consciência, nesse caso, está para além do tempo, só o constata. Na temporalidade kaírica o que ocorre é o oposto, a consciência está no tempo e com o tempo, tornando-se responsável pelo modo de seu fluir, atribuindo ao

mesmo valor e significado. Essa noção de transmutação qualitativa evidencia-se, segundo Constança, sob três perspectivas: epistemológica, ontológica e axiológica.

Dando início à finalização desta seção, dar-se-á largada à análise destas três perspectivas, visando terminar de desenhar e preencher a significação ontológica de *Kairós*. Sabe-se, até este ponto, que a natureza de *Kairós* está intimamente atrelada à decisão e à intenção humana, tanto na exposição de Constança e de Moutsopoulos quanto no mito.

Primeiramente, na perspectiva epistemológica, põe-se “em relevo a ideia de *Kairós* visto como o momento de apreensão, pela consciência, do instante crucial em que se ocorre a mudança qualitativa das situações” (CESAR, 2008, p. 66). Sobre a passagem, em outras palavras, a perspectiva epistemológica fundamenta o que até então já fora apresentado: a consciência como parte do fluir temporal. O que aqui se destaca, diferentemente, é a substituição do chamado “sistema ternário”, passado, presente e futuro, pelo já mencionado sistema binário de *não-ainda* e *nunca-mais*. Essa distinção, segundo Constança, evidencia o presente como um momento crítico de decisão, “*um ponto crítico projetado em direção ao futuro*” (CESAR, 2008, p. 67). Ainda segundo a autora, e como já brevemente explorado, a substituição das categorias cronológicas pelas kaíricas permite a consciência a significação e valorização (a chamada *apreciação qualitativa*) do fluir da natureza e da consciência.

Na perspectiva ontológica, nos é apresentado, e figurado, *Kairós* como “uma estrutura do ser caracterizada pela constante mutação, evolução” (CESAR, 2008, p. 67). Em outras palavras, retoma-se aqui o já apresentado como dimensão kaírica e acrescenta-se, também, segundo Constança, as categorias espaciais “*não-ainda-aqui*” e “*nunca-mais-em-parte-alguma*”. Esse complemento permite, num primeiro momento, a fundamentação de *Kairós* na instância prática. As noções espaciais permitem, evidentemente, situar tantos acontecimentos e decisões em determinado espaço, na medida em que as noções temporais de *ainda-não* e *nunca-mais* permitem situar quando, no tempo.

Além disso, retornando ao que fora retomado, novamente a perspectiva ontológica de *Kairós* nos apresenta-o como parte da estrutura do ser que corresponde à quebra do determinismo temporal. Mais uma vez, faz-se menção aqui à consideração de todas as possibilidades e disposições do ser de modo que, ao serem rompimentos do determinismo

temporal, pressupõe-se e atrelam-se a uma consciência intencional, que antecipa dada possibilidade e muda o presente de modo que a mesma possa ser efetivada.

Por fim, na perspectiva axiológica, põe-se “em relevo a kairicidade como descontinuidade qualitativa no suceder” (CESAR, 2008, p. 69). Apresenta nossa autora, que ao situar a consciência entre o *ainda-não* e o *nunca-mais*, *Kairós* “torna-se o ponto de referência, que possibilita a consciência contemplar, viver, criar” (CESAR, 2008, p. 69). Dentre todas, essa é a perspectiva que mais evidencia a participação da consciência, e sua importância, no fluir temporal. Recorrendo ao mito, explora-se: *Kairós* é o momento decisivo, entre segurar ou deixar ir, de agir, criar, e que permite à consciência a “apreensão do significado de sua ação no mundo” (CESAR, 2008, p. 69). A passividade da observação cronológica é substituída pela atividade da participação káirica, a consciência se insere no universo e humaniza-o, dando significado e valor, individual e coletivamente.

Sendo assim, o âmbito káirico corresponde a tudo aquilo qualitativamente considerado, não quantitativamente. As decisões e as medidas não são tomadas por simples sequência temporal, muito pelo contrário. Compete à *Kairós* romper o determinismo temporal por intermédio da consciência ativa, manifesta-se como momento de crise e de ação, onde deve-se agir visando um futuro antecipado, já significado pela própria consciência. Nesse processo, consequentemente, a intencionalidade se projeta ao mundo e o altera, rumo à intenção que deu início a todo este processo.

Logo, evidencia nosso autor que nos situamos numa época káirica, onde a consciência projeta-se ao futuro na mesma medida em que se encontra aberta ao passado. Nesta lógica, reconhece-se o passado como efetivação plena das decisões, configurando-o como parte do fluxo histórico. *Kairós* não se limita somente à ação meditativa, como expõe, mas surge no plano da ação prática. Conclui-se, assim, que a análise proposta por Moutsopoulos circunscreve a nós, e *Kairós*, numa perspectiva existencialista. Constrói-se o existente de acordo com uma intencionalidade, o que atrela de maneira indissolúvel a consciência e *Kairós* e nos situa numa sequência incessante de decisões a serem tomadas, rumo à uma história humanizada.

O homem Káirico

Até este momento, *Kairós* fora apresentado como estando intimamente ligado à consciência e à ação humana. Agora, seguindo a estrutura apresentada por Constança, faz-se necessário apresentar o final desta continuidade, a saber, a consciência pondo em “prática” *Kairós*. Dar-se-á a este momento o nome de *kairicidade*.

O chamado homem kaírico é aquele que dispõe, como visto, de ambas consciência temporal e intencionalidade. Em outras palavras, portanto, a *kairicidade* consiste na capacidade humana de “reestruturação do real pela ação do homem, ‘a substituição de uma ordem de sucessão necessária por uma ordem de sucessão livremente escolhida’” (CESAR, 2008, p. 74). Segundo a apresentação promovida por nossa autora, naturalmente, a vida humana, ao relacionar-se com o mundo, “comporta, assim, uma zona espacio-temporal onde se instaura *Kairós*” (CESAR, 2008, p. 74). Aqui, novamente, evidencia-se a interpenetração e interdependência da noção de *Kairós* proposta por Moutsopoulos.

Nessa lógica, o homem kaírico é aquele que dispõe da possibilidade de rompimento com o determinismo temporal. Se por um lado, cronologicamente, a efetivação de um ser dar-se-á por intermédio da realização de sua potencialidade, inevitavelmente, na esfera do homem kaírico, a efetivação de um ser é realizada na medida em que, como visto, antecipa-se um futuro e modifica-se o presente. A efetivação da potencialidade, nesta lógica, dar-se-á pelo “permitir” do vir-a-ser do fluxo cronológico, enquanto no fluxo kaírico, o rompimento temporal manifesta-se como ser-mais, para além do ser. Em linhas brandas, nos é apresentada a *kairicidade* desta maneira. A partir *kairicidade* são distinguidos três aspectos, conforme apresentados, o *intencional*, o *dialético* e o *criativo*.

O aspecto intencional, evidentemente, “expõe a intencionalidade do ser humano e a dinâmica da consciência” (CESAR, 2008, p. 74). No tocante a este primeiro aspecto, aqui apresenta-se uma aplicação de elementos previamente explorados, circunscritos agora no âmbito de uma *kairicidade*. O intencional aqui representa, na consciência humana, o movimento de mudança rumo a um futuro vislumbrado: como visto, aproxima-se dado futuro (sentido da intenção) e atualiza-se o presente.

O aspecto dialético, por sua vez, explicita elementos que possam ter passado subentendidos. Retoma-se e amplia-se, aqui, a noção de ruptura com o determinismo do fluxo temporal; considera-se que o homem age sobre o mundo, resignificando-o. Como apresenta

Constança, ambos a consciência e o mundo se interpenetram. Aponta aqui que o homem kaírico se expande numa via de mão dupla, interna e externamente, muda o mundo segundo suas intenções, mas igualmente é mudado por ele.

Por fim, o aspecto criativo, aqui tem-se a já mencionada valoração e significação, elevando-a a um novo patamar. Aponta-se aqui que “a criatividade é ‘característica essencial da atividade kaírica [e] ao mesmo [...] sua expressão mais autêntica’” (CESAR, 2008, p. 75). A essencialidade deste aspecto surge, quando analisado, na medida em que a criatividade é responsável pela significação, decisão e antecipação do futuro. Não obstante, sem significação não há intencionalidade, visto que não se muda rumo a nada, pois nada fora significado e, conseqüentemente, sem esse exercício, igualmente a dialética cai por terra, pois não se muda nem o externo nem o interno.

A crise e a kairicidade

Uma vez explorado o homem e a kairicidade, nos resta agora explorar o momento decisivo onde a ação desta intencionalidade se efetiva. Dar-se-á a este momento o nome de crise, como já fora apresentado anteriormente.

Segundo a apresentação de Constança, a noção de crise pode ser explorada por duas perspectivas diferentes: epistemológica e ontológica. Visando explicar ambas, primeiro serão referidas citações, para que então possa ser levado a efeito tanto suas explicações como relações com o homem kaírico. Em primeiro lugar, sobre a perspectiva epistemológica, tem-se em mente que, “no plano epistemológico, a crise como operação *noética* supõe *discriminação* e *comparação*, visando a *superção* sintética de oposição entre elementos mediante um juízo (...)” (CESAR, 2008, p. 88). Na mesma medida, “no plano ontológico, a crise é vivida como *descontinuidade* entre diversas situações históricas ou diferentes teorias científicas.” (CESAR, 2008, p. 88)

Se até agora afirmava-se que o homem, por sua intencionalidade, alterava o mundo e o fluir temporal, é na análise do momento de crise que essa perspectiva se solidifica. Dando início à explicação, ambos aspectos apresentados constatarem esse “poder” de mudança, variando apenas o tamanho de abrangência.

A perspectiva epistemológica, em primeiro lugar, evidencia o movimento da consciência de solução de decisões, resultado da já explorada antecipação do futuro e atualização do presente; a crise, neste plano, explora de uma certa maneira uma micro-crise, não em níveis históricos, mas pragmáticos e referentes a todo homem kaírico. A perspectiva ontológica, por sua vez, já evidencia essa maior abrangência que extrapola a micro-crise, caracterizando-a, primeiramente, como um momento de cisão dos acontecimentos históricos. Nessa perspectiva, encontra-se já uma análise da nova consideração histórica proposta por Moutsopoulos, em que o momento de crise divide os acontecimentos históricos, uma vez que, como explorado, o momento de crise define e resolve, pelo recurso da kairicidade, a clássica divisão trinar temporal. Aqui, no momento de crise, encontra-se a janela de agir para o homem kaírico.

No escopo da crise, os elementos kaíricos são transpostos ao exame da realidade. O fluxo histórico passa a ser considerado de maneira similar à temporalidade kaírica, contemplando ambos “ainda-não” e “tarde-demais”. O fluxo histórico divide-se, portanto, binariamente, entre um momento de percepção e preparação para a crise e outro momento de solução ou repetição de acontecimentos, sendo ambos separados pelo momento decisivo, o ápice da crise.

Como exposto, a consciência molda, ao significar o mundo, e é moldada por ele, entretanto, esta indagação carece ainda de ser contextualizada temporalmente. Segundo Constança, encara-se “a história como a imagem da presença do homem no mundo, criação humana na qual este se espelha e expressa sua busca de um ser-mais” (CESAR, 2008, p. 110). A noção de história situa, portanto, essa mudança material e de significado do mundo numa temporalidade kaírica, não cronológica.

A consideração dos elementos kaíricos permitem, nessa perspectiva, o distanciamento da noção histórica cronológica de vir-a-ser, o fluxo histórico não é determinado entre passado, presente e futuro, mas entre “ainda-não” e “tarde-demais”, o que formula, por intermédio dos momentos de crise, palco de ação ao homem kaírico. Fundamentando esta última afirmação, cita-se:

Crise e [kairicidade] convergem quando a consciência humana é capaz de inserir sua intencionalidade no acontecer, intervindo e provocando a *metábole*, ou reconhecendo, no vir-a-ser, o instante propício para a decisão que produz

a mudança qualitativa necessária à continuidade da vida. (CESAR, 2008, p. 111)

Conclusão

Apresentados os conceitos propostos, iniciar-se-á, agora, a conclusão de todo material transmitido. Procedimentalmente, a conclusão levará a efeito uma análise dupla, dos pontos chave da filosofia de Moutsopoulos, tal como nos apresenta Constança. Sendo assim, essa dupla divisão será centrada entre o homem kaírico e o fluxo histórico.

Como visto, num primeiro momento, fora exposto a temporalidade proposta por Aristóteles no Livro IV da Física. Esta etapa mostrou-se de suma importância na compreensão da noção geral de temporalidade, além de que, como também opera Moutsopoulos, a noção de temporalidade kaírica é desenvolvida a revés da noção cronológica.

Procedendo, num segundo momento, fora analisada a figura mitológica de *Kairós*. Novamente, esta etapa também se mostrou de evidente importância, uma vez que, como fora abordado, diversos elementos da narrativa mítica auxiliam a compreensão da temática proposta por Moutsopoulos. Ainda, segue a mesma lógica da seção anterior, a saber, a discussão proposta por Constança parte do mesmo ponto inicial.

Logo, num terceiro momento, fora exposto a fundamentação ontológica de *Kairós* na obra de Moutsopoulos, tal como nos apresenta Constança. Essa parte também, obviamente, mostrou-se relevante, visto que dá início à discussão a ser levada, propriamente, a efeito neste trabalho. Nesta seção, fora apresentado parte do desenvolvimento filosófico de nosso autor, tendo em mente desenvolver noções antropológicas na próxima seção.

Concluindo as apresentações, num quarto momento, fora estabelecida uma distinção dupla, ponto chave do desenvolvimento deste trabalho. Aqui, propôs-se dar continuidade à figura kaírica apresentada no momento anterior, entretanto, agora circunscrevendo-a e corporificando-a na esfera da ação humana. Ademais, fora proposto uma última consideração acerca da manifestação humana no fluir histórico, agora já configurado como kaírico.

Partindo dessa apresentação, primeiramente, fora demonstrado, quase que de maneira inegável, a atuação da consciência no mundo. Conseqüentemente, esse campo de ação fora estendido da esfera pragmática à esfera histórica. O homem kaírico não somente é capaz de decidir e de agir mudando a si e sua proximidade, mas também, em larga escala, capaz de mudar o rumo histórico. O fluxo temporal, segundo essa lógica, não é mais fixo e estanque, cronologicamente, mas poliédrico (CESAR, 2008, p. 98); “sua marcha, é polifônica.” (CESAR, 2008, p. 98)

A exploração do momento de crise permitiu, ao nosso autor, a consideração do fluxo histórico como resultado da ação do homem kaírico. Aqui, retomam-se elementos apresentados na análise da própria figura mitológica de *Kairós*, visto que, assim como o deus, por intermédio da intenção se solucionam dados problemas históricos, que ameaçam o fluir da vida, pendendo para um lado da balança. Dito de outra maneira, o homem kaírico configura-se como homem de ação, não de contemplação.

A construção proposta por nosso autor não poderia ter sido diferente, a apresentação dos elementos culmina na fundamentação de ambas uma nova concepção humana e uma nova concepção histórica. Sendo assim, conclui-se que o autor não só, segundo Constança, apresentou seus fundamentos, mas que, também, levou a efeito suas implicações.

A análise da temporalidade kaírica fundamenta o mote da ação humana, a saber, a mudança qualitativa em busca do ser-mais; em detrimento do vir-a-ser, o fluxo cronológico. Essa possibilidade de câmbio do determinismo permite ao autor fundamentar uma noção de intencionalidade livre e, evidentemente, rompe com o essencialismo. Sendo assim, o rompimento com o essencialismo fundamenta-se na configuração do homem como homem de ação, uma vez que não se espera o fluxo temporal, mas o faz, toda e qualquer possibilidade de pré-determinação cai por terra. Deste modo, a consciência kaírica, o homem kaírico, é perfeitamente capaz de se tornar senhor de seu próprio mundo por intermédio de sua intencionalidade, caracterizando, aproximadamente, um “existencialismo otimista”, se é aquilo que se busca ser. Agora, se num primeiro momento o autor elabora toda essa discussão acerca de faculdades e capacidades humanas, essa lógica efetiva-se, como visto, também no plano prático.

Assim, por intermédio do momento de crise, o autor dá um nó final que atrela a kairicidade ao fluir temporal, o fluir kaírico de “não-ainda” e “tarde-demais”. Não somente, não se propõe aqui o estabelecimento de um sujeito ideal, capaz de moldar o mundo sozinho, mas pelo contrário. Quando se refere à marcha polifônica (CESAR, 2008, p. 98), tanto quanto ao momento de crise, tem-se em mente o embate de intencionalidades diversas. Relembrando o aspecto epistemológico da crise, nele evidencia-se, também, a capacidade de decisão frente ao cenário construído por diversas consciências. Como explora Constança, a construção filosófica de Moutsopoulos assemelha-se à construção musical (CESAR, 2008, p. 104).

Por fim, a mencionada polifonia representa os diversos sons e tentativas de mudanças das diversas intencionalidades; poli-fonia, diversos sons, diversas intencionalidades, que buscam efetivar-se no fluxo temporal. Entretanto, assim como uma música, o fluir histórico é representado pelas linhas de uma partitura, onde cada músico, cada intencionalidade, tem seu espaço, para bradar, marcado entre o “ainda-não” e o “tarde-demais”, rumo à um fluxo temporal, uma história, propriamente humanizada.

Referências

ARISTÓTELES. *Física*. Ca. 340 a.C. Pdf. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.tamaulipas.gob.mx/archivos/descargas/31000000125.PDF>>. Acesso em: 18/04/2017.

CESAR, C. M. *Filosofia da Cultura Grega: Contribuições para o estudo do pensamento neohelênico contemporâneo*. Aparecida: Idéias & Letras, 2008.